



**Fausto Viana, Maria Celina Gil e Tainá Macêdo Vasconcelos
(org.)**

**Dos bastidores eu vejo o mundo:
cenografia, figurino, maquiagem
e mais**

volume III

DOI 10.11606/9788572051958

São Paulo
ECA - USP
2018

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria, proibindo qualquer uso para fins comerciais.

Nossa capa

As fotos que estão na capa deste volume seguem a nossa linha editorial. Sempre que possível, mergulhamos, sondamos o que é oculto ou não imediatamente revelado. As fotos mostram glitter fotografado em microscópio ótico aumentado mil vezes, nas cores da bandeira LGBTI. A ideia pode sugerir festa, que adoramos. No entanto, funciona também como um alerta. O ensaio foi feito a partir de um estudo norte americano chamado Gliitter as forensic evidence, de Bob Blackledge, usado para identificação de vítimas em crimes ocorridos nos EUA.

Para lembrar e um dia esquecer, se possível, quando o problema não mais existir: no Brasil, a cada 19 horas um LGBT é assassinado ou se suicida vítima da homotransfobia (Dados do jornal O Globo, disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/assassinatos-de-lgbt-crescem-30-entre-2016-2017-segundo-relatorio-22295785>>. Acesso em 27 Mai.2018.)

**Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo**

D722v Dos bastidores eu vejo o mundo [recurso eletrônico]: cenografia, figurino, maquiagem e mais – volume III / Fausto Viana, Maria Celina Gil e Tainá Macêdo Vasconcelos (orgs.) -- São Paulo: ECA/USP, 2018.
328 p.

ISBN 978-85-7205-195-8 (e-book)
DOI 10.11606/9788572051958

1. Teatro 2. Cenografia - Produção 3. Figurino – Produção 4. Vestuário – Produção 5. Figurinistas – Entrevistas 6. Cenógrafos – Entrevistas 7. Costureiros – Entrevistas I. Viana, Fausto Roberto Poço II. Gil, Maria Celina III. Vasconcelos, Tainá Macêdo.

CDD 21.ed. – 792.025

Elaborado por: Alessandra Vieira Canholi Maldonado CRB-8/6194

Apresentação

O Volume 3 de Dos bastidores eu vejo o mundo é dedicado a um breve levantamento de produções, artistas e técnicos que trabalharam ou trabalham na cena gay, com um olhar fortemente direcionado para a produção dos trajes de cena. Está divido em duas partes: entrevistas e artigos.

Por que o traje de cena?

Primeiro, porque é nossa principal área de pesquisa e nossos contatos com as pessoas da área são maiores. Além disso, pesou também a nossa preocupação com a perda deste material que, como fonte primária de informações, está nas mãos de pessoas, não de instituições das quais poderíamos esperar salvaguarda, exposição, divulgação... São croquis, fotografias, vídeos, depoimentos, trajes, adereços e muito mais.

Um bom exemplo de acervo fotográfico em mãos de particulares é o de Ronaldo Gutierrez, que entrevistamos e trabalhamos um artigo sobre o espetáculo Brincando com fogo. Além de tudo, tivemos a oportunidade de conhecer, através de seu depoimento, um modelo de fazer teatral do período em que ele esteve atuante. Como contraponto, entrevistamos Regis da Silva, aderecista e bordador que trabalhou em São Paulo no mesmo período de Gutierrez (que não guardou nenhum traje que usou em cena). Seria natural que Regis da Silva tivesse programas, fitas de

vídeo, registros fotográficos, croquis dos figurinistas para quem trabalhou – o que, além de bem comum, é outro tipo de acervo que vai desaparecendo aos poucos, com a morte das costureiras, dos aderecistas, dos cenógrafos e por aí segue. No entanto, nenhum material foi encontrado com Regis porque na mudança para Natal, onde voltou a viver, suas malas foram extraviadas. Não há absolutamente nada do que ele fez, apenas seu depoimento. Mas ficamos muito felizes em contar com ele, claro!

Sobre um dos mais importantes grupos a abordar a liberdade sexual e outros valores nos anos 1970, os Dzi Croquettes, encomendamos um texto sobre trajes de cena ao Jurandir Eduardo Pereira Mendes, professor da Universidade do Maranhão e que estudou o grupo na sua dissertação de mestrado, *Nem homem, nem mulher, gente: trajetória do grupo Dzi Croquettes*, defendida em 2016 na Universidade do Estado de Santa Catarina. Aproveitamos a oportunidade e entrevistamos no Rio de Janeiro o ator e figurinista Claudio Tovar, que participou do grupo. Não foi só informativo – foi muito divertido.

Falamos também com João França, que atuou como stylist da cantora Pabllo Vittar, como ele mesmo gosta de dizer que é. Leia a entrevista para entender as razões dele para não dizer que é figurinista. Com Marcos Felipe, ator da Cia Mungunzá, conversamos sobre o processo de criação dos trajes do espetáculo *Luís Antônio Gabriela*, grande sucesso de público no teatro contemporâneo e com temática LGBTI.

Tivemos mais uma vez a oportunidade de estar com a drag queen Tchaka, “a rainha das festas” e comprovar que, mais do que traje de cena, ela é ótima também quando se trata de política. Ainda no segmento drag queen, conversamos com Samuel Abrantes, criador da drag queen – ou persona? – Samile Embaixatriz Cunha.

Miss Biá, diva de diversas gerações gays da noite paulistana, foi entrevistada por Adriano Sod, jornalista. Ele publicou uma entrevista com ela em 2015 em seu blog *Tudo sobre eles*. Achamos que a conversa era exatamente o que precisávamos sobre Miss Biá e Adriano nos autorizou a publicar a entrevista como no blog.

Fechando as entrevistas, uma conversa quase formal com Peter McNeil, feita em Helsinque, na Finlândia, em 2018. A conversa com McNeil foi mais ampla, e não só sobre traje de cena: tratamos da participação queer na moda, na arte, no design...

Além dos artigos já citados dos Dzi Croquettes e Ronaldo Gutierrez, incluímos textos sobre os trajes da apresentadora Fernanda Lima em *Amor e Sexo*, o programa da Rede Globo de televisão que inclui os LGBTI de maneira bastante elogiável.

Trouxemos um artigo sobre os trajes empregados no trabalho do performer T.Angel, que já foi discutido e apresentado no Costume Colloquium de 2015 e também um texto sobre o espetáculo BR TRans, que também tem se destacado bastante na cena teatral.

Os Secos e Molhados não poderiam estar ausentes e um artigo especial sobre eles e suas referências foi incluído.

“Não, não temos o suficiente”, foi o que Peter McNeil respondeu quando perguntamos se já temos suficientes estudos LGBTI. Ele vive na Austrália, publicando estudos na área nos Estados Unidos e na Europa. Conhece e troca informações com profissionais que atuam como ele. Promove exposições queer, dá palestras, participa de debates e acha pouco.

De nossa parte, apesar do enorme crescimento nesta área, podemos dizer que temos muito poucos estudos sobre gênero e sexualidade, e mais ainda quando se fala de teatro LGBTI. Na nossa área de pesquisa, o traje de cena, a cenografia, a maquiagem e os outros que compõem o trabalho dos bastidores – ainda não conhecemos nenhuma publicação que trate exclusivamente do assunto.

Pouco, Peter? É muito pouco! Sabemos disso. Mas este volume tem um pouco de tudo: teatro, cinema, travestis, drag queens, atores hétero em papéis queer, queer em papéis queer e por aí vai. É pouco, mas é importante. Não é o primeiro, não é o último. É mais um: mas que se pretende sério, estimulante e que deseja abrir mais volumes sobre os temas da comunidade LBTI.

Com carinho.

Fausto, Celina e Tainá.